

RELATOS ■ Em seu mais recente livro, José Saramago conta como se tornou Saramago

# As pequenas aventuras de um grande ensaísta

Saramago • continuação da capa

A estreia de José Saramago como romancista aconteceu em 1947 com *Terra do Pecado*, mas o autor abandonou o gênero por 30 anos. Neste meio tempo, escreveu obras tão diversas no tema e na forma quanto *Objecto quase* e *O homem duplicado*; *A bagagem do viajante*; *As intermitências da morte*. Será o ensaio o gênero mais caro ao autor?

— Tenho dito que, levando em conta as conotações ensaísticas que se encontram nos meus romances, talvez, no fundo, eu seja um ensaísta que, por não ter aprendido a escrever romances, escreve romances — ironiza.

Se o autor tivesse polvilhado o texto de suas memórias com um sabor mais ensaístico, talvez o tom, que às vezes soa excessivamente lírico ou aborrecido, incomodaria menos. Se nos romances, que sempre têm um forte sopro ensaístico, Saramago e um Nobel, nos ensaios não fica nada atrás.

Em *As pequenas memórias*, porém, saltados alguns momentos de surpresa e encanto, tem-se passagens que interessam pouco, detalhes da vida em família que fazem do livro uma obra pouco universal. Ainda que sejam as memórias de um Saramago.

Mas, é claro, há trechos que são pequenos encantos, nos quais o toque de humor e recorrente. O autor fala de suas primeiras aventuras sexuais, de como se tornou Saramago, (que não é nome de família, mas um acréscimo doado por um funcionário bêbado ao ser registrado, não fosse isso seria apenas um "lacrônico José de Sousa"), dos pais, avós, tos, amigos, das pescarias, as mortes, os lucus. Enfim, da rotina de uma criança pobre, que nasceu na paisagem rural da aldeia de Azimhaga e levava uma vida de nenhum luxo e

**Há trechos que são momentos de encanto, nos quais o toque de humor é recorrente**

muita dureza.

Nestes pequenos lampejos biográficos, Saramago é, ao mesmo tempo, autor, narrador e protagonista.

— Mas presente do que isto não creio que haja — disse o autor, com o jeito direto e lacônico de sempre.

De uma trajetória literária tão rica e intensa, Saramago não consegue dizer quais de suas

obras mais admira.

— Não é fácil responder a esta pergunta se pensarmos na diversidade dos temas dos meus romances e contos. Neste momento (embora não seja só de agora) sinto um interesse particular pelo conto "Centuro" do livro *Objecto quase*. Amanhã posso pensar e sentir de maneira diferente — disse.

E com entusiasmo que o autor festeja o boom da literatura portuguesa contemporânea.

— Já era tempo... Uma certa sementeira, chamemos-lhe assim, iniciada nos anos 80 manifestou-se em frutos plúrios nestes dias. O tempo fará a sua escolha. Entretanto, desfrutemos — analisa sem, contudo, citar nomes.

As obras de Saramago são geralmente lançadas simultaneamente no Brasil e em Portugal. A recepção por aqui é tão grande — ou até maior — do que de lá.

— Não peço mais nem nunca esperer tanto. Os leitores brasileiros são aqueles de quem mais cartas recebo e, em número, devem vir imediatamente depois dos portugueses e dos espanhóis. A crítica tem-me tratado no geral bem e quando exprime alguma reserva é para dizer que tenho obrigação de fazer melhor... (C.N.)



José Saramago: o ensaio é um dos gêneros favoritos

EDIÇÃO DE BOLSO ■ O 'Livro do desassossego' traz vários livros dentro de uma única obra

## Os achados da arca de Pessoa: uma obra nunca terminada

Pedro Meira Monteiro\*

O *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa (1888-1935), lançado agora em edição de bolso, não é propriamente um livro a fazer-se de ou conjunto dos fragmentos de uma obra nunca terminada e que talvez nunca devesse concluir-se: anotações esparsas, começadas na década de 1910 e escritas nos últimos seis anos de vida do poeta.

Retirados da legendária arca em que se guardaram os manuscritos inéditos de Pessoa, no início da década de 1980, retrabalhados pelos editores ao largo dos anos seguintes, realinhados e novamente organizados pelo estudioso Richard Zenith há pouco mais de 10 anos, os fragmentos podem ensinar que, por trás do livro que o leitor tem em mãos, haverá sempre outros livros.

Ou antes, à maneira célebre de Mallarmé, há no horizonte da poesia um livro impossível que nunca ousa desenhar-se, desenhá-lo seria abolir o mistério e anular a distância infinita que nos separa do ideal. Neste espaço sem fim, vacila justamente a alma inquietada do escritor. De tal vacilação fala Pessoa no *Livro do desassossego*.

Referindo-se à complexidade e à sutileza com que o poeta sus-



tenta o esvaziamento de sua alma, a um só tempo múltipla e nenhuma, um outro poeta notável, Jorge de Sena, lembra que Pessoa fez-se, a si mesmo, o "drama em gente" que apreciava. O caso da heteronímia é não só conhecido, mas vasto: Pessoa é também Alberto Caeiro, é Ricardo Reis, é Álvaro de Campos, é vários outros, e é por vezes ele mesmo. Incapaz de sustentar solitariamente a divisão da alma, a subjetividade do poeta vaza em vários eus, constituindo os famosos heterônimos.

É maravilhoso notar os ecos de cada um dos poetas neste *Livro do desassossego*, como se, aventurando-nos por sua prosa empolgante, fôssemos encontrando os rastros dispersos daquele sujeito que sabemos cindido. Sujeito que, partindo pela escrita, partiu-se.

Mas aqui, neste livro que não é livro, o autor que não é autor, ou o sujeito que não é sujeito, é mais alguém. Mais um heterônimo? Não. Um semi-heterônimo, apenas. Nele eu, nem outro. Um pouco aquém da fórmula de

**Livro do desassossego**  
FERNANDO PESSOA (Obras Richard Zenith)  
Companhia das Letras  
560 páginas R\$ 28

Rimbaud (eu é um outro), numa experiência um pouco além de moderna, o autor dos fragmentos foi, num primeiro momento, um tal Vicente Guedes, embora o livro se deva, em sua maior

parte, ao pacato Bernardo Soares — ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, morador na Rua dos Douradores. É Fernando Pessoa quem nos apresenta Soares num fictício prefácio, contando tê-lo encontrado um dia num obscuro restaurante, onde trocaram algumas palavras casuais.

Ora vacilante como o poeta, o livro é tão evanescente quanto o escritor imaginário que deitando ao papel suas notas esparsas, sonha-se a si mesmo umerso numa Lisboa mítica que todos aprendemos a sonhar com Pessoa. A oscilação é a marca mais funda do poeta prosador a perder-se na paisagem da cidade, revelada na contraluz de um quarto raro na Rua dos Douradores. Pessoa sente o mundo, vasto, para além de si.

Um dia, num devaneio, o contador imagina-se liberto para sempre da Rua dos Douradores. É a libertação, o caminho que leva aos mares do sul da imaginação, ou, num registro poético de outro tempo e lugar, são as promessas eternas de Pasárgada que se anunciam no abandono da

vida vulgar. Entretanto, se le-viássemos adiante o contraste com poetas nossos conhecidos, é bem mais ao Drummond da "Maquina do mundo" que se parece Pessoa: ofertada a maravilha, o poeta a recusa e continua o seu caminho. E que Bernardo Soares percebe que tudo ao seu redor já se tornou parte de sua vida. O deixar, o partir, é distanciar-se de si, esquecer-se num

canto.

É deste canto de que fala Soares-Pessoa. Mas, por fim, há o tédio moderno que espanta, finissecular, há um Álvaro de Campos sempre próximo à alma estiolada; o mundo de sensações que a imaginação experimenta e que não resiste ao menor movimento, desafiando o poeta à tarefa de saber que as coisas sonhadas são nulas e que, sonhadas, delas resta algo que não se presta a nada, pois que ficaram "no limiar abstrato em eu pensar e elas serem".

Este é o espaço e o caminho da poesia, que avança sempre até ao limite, limiar abstrato de onde surge o livro. Em Pessoa, sabemos porém que a poesia é o poeta. O limiar a que a abstração convide e a morada de um sujeito anônimo ("os poetas não têm biografia", diz Octavio Paz). Entre pensar e ser, situa-se aquele que levamos. Ou talvez, para nossa salvação, situar-se também aqueles que lemos.

\*Professor de literatura brasileira na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos.